

Representação e produção do espaço: duas conceituações analisadas por Henri Lefebvre

Representation and Production of Space: two concepts analyzed by Henri Lefebvre

LUIS ALBERTO LUNA¹

Resumo: Este artigo discute a relação entre representação e espaço social, duas conceituações desenvolvidas por Henri Lefebvre no período da segunda metade do século XX. Ambos os conceitos têm importância no atual momento porque permitem desvendar o modelo de desenvolvimento econômico, sustentado por uma valorização do capital e a desvalorização da força de trabalho. Primeiro, o conceito de representação será discutido e, posteriormente, a produção social do espaço; finalmente, eles serão relacionados para, então, ser expressa a sua importância na contemporaneidade.

Palavras-chave: Representação. Produção social do espaço. Henri Lefebvre.

Abstract: This article addresses the relationship between social space and representation, two concepts developed by Henri Lefebvre in the second half of the 20th century. Both concepts are important now because they allow knowing the economic development's model, supported by a capital revaluation and devaluation of the workforce. First, the representation concept will be discussed and then the social production of space. Finally, they will be linked to express their importance today.

Keywords: Representation. Production of space. Henri Lefebvre.

Introdução: Henry Lefebvre e os conceitos

Henry Lefebvre escreveu para Octavio Paz, o seguinte: foi demonstrado e provado que quando há relações, linguagem, discurso, há falsidade, dependências e poderes ocultos sob as palavras e os gestos. A representação contém estas dependências e poderes ocultos. Ações que se exercem no espaço produzido socialmente (LEFEBVRE, 2006).

Henry Lefebvre viveu quase todo o século XX, de 1901 a 1991. Faz parte da ninhada de prolíficos marxistas franceses. A sua produção se insere nas ciências sociais, geografia e filosofia. Foi um pioneiro da multidisciplinaridade. Em suas análises cruzou a sociologia com a análise literária, a filosofia com a poesia. Seu objetivo era outro que o de romper com a universalidade, procurava libertar o marxismo das limitações auto impostas.

Lefebvre traduziu para o francês grande número de obras de Marx. Em sua contribuição para as representações não se dirige a um grupo disciplinar, em particular, busca romper com os dogmas, sem alterar a verdade universal, que integra

¹ Professor del Departamento de Ciencias Sociales de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Cuajimalpa, México. E-mail: luna@correo.cua.uam.mx

as diferentes disciplinas para compreender a complexidade.

O conceito central da pesquisa de Lefebvre é a produção de espaço e tempo, sendo tão diverso no coletivo quanto no individual. Harvey (2004) observa que práticas materiais espaciais moldam os fluxos, transferências e interações físicas e materiais que acontecem dentro e através do espaço para garantir a produção e reprodução social.

Lefebvre (1991) divide em três dimensões localizadas na prática para produzir o espaço: a dimensão do experimentado; dimensão do percebido; dimensão do imaginado, conformando-as como relações dialéticas que constituem o ponto de apoio e tensão dramática através do qual pode ler-se a história das práticas espaciais.

A apropriação do espaço pelos sujeitos examina a forma como o espaço é ocupado por objetos, como são as casas, fábricas e infraestruturas rodoviárias, assim como também as atividades, o uso da terra, os indivíduos, as classes ou sujeitos sociais (LEFEBVRE, 1991; HARVEY, 2004; WERLEN, 1993). No final, a apropriação do espaço é um processo de poder e fortalecimento de um ator social (MASSEY, 1985; LEFEBVRE, 1991; SWYNGEDOUW, 1997; 2003; LUNA 2016b).

Por outro lado, o domínio do espaço reflete a forma que indivíduo ou organização poderosa domina a organização e produção do espaço, por meios legítimos ou ilegítimos para exercer maior controle sobre o atrito pela distância ou sobre a maneira onde o espaço é apropriado por eles ou por outros (LEFEBVRE, 1991; PECK, 2010).

A produção do espaço ausculta, derivado das práticas espaciais, como aparecem novos sistemas do uso da terra, os transportes e as comunicações, a organização territorial, etc., e como surgem novas formas de representar o território, como pode ser SIG (Sistemas de Informação Geográfica), o desenho e imagens diferentes através da inovação dos dispositivos tecnológicos (LEFEBVRE, 1991; SANTOS, 1994; HIRSCH, 1996; CASTELLS, 2002).

Assim, podemos falar da produção do espaço como um conjunto de práticas espaciais produzidas por meio das bases materiais e representações simbólicas que garantem a apropriação e permanência hegemônica em um território por um ator social (LEFEBVRE, 1991).

O espaço físico está coberto de territórios que se sobrepõem e complementam de forma dialética, despejando diferentes práticas espaciais, versões do espaço imaginado e do percebido. A identidade com o território vem da força de um ator social; no mesmo espaço podem se justapor várias identidades produzidas pelos atores.

Representação

Representar, diz Lefebvre (2006), é colocar diante de mim (ante si), alguma coisa que se torna segura. Portanto, tratar-se-ia de verdadeira. Em certo sentido sim, mas garantido e apoiado por todo ente.

Além disso, LEFEBVRE continua (2006), o símbolo é apenas uma representação de uma representação. O homem busca representar-se, tornar-se presente a si mesmo, criando seres ("sendo") semi-ilusórios, semirreais, incontáveis (LEFEBVRE 2006).

A re-presentação é, de acordo com LEFEBVRE (2006, p. 21), “apresentação, embora enfraquecida e até mesmo escondida”. Traço fundamental que HEIDEGGER (1971, p. 379) revelou ao observar que na representação se desdobra o "sendo" e não o “Ser”.

A representação é uma etapa, um nível, um momento do conhecimento. É necessário passar por ela, para sair dela ultrapassando-a (KANT, 2009). Os pensamentos, ou seja, as determinações já afins e opostas, observou Kant (2009), Heidegger (1971), Durkheim e Mauss (1996), cair na exterioridade do espaço e do tempo, ou seja, na área da representação. A representação tragicamente decepciona e refere-se a sua mais aqui e como ainda mais lá, sem descanso, sem outra solução mais que a continuidade (LEFEBVRE, 2006; LUNA, 2016a).

Kant (2009) separa a natureza do pensamento e do seu funcionamento, as representações são produtos da mente humana, da divisão social do trabalho. Assim, é importante notar que a representação também constitui o representado. Durkheim e Mauss (1996) falam da classificação das coisas pelos povos primitivos, necessária hierarquia dos homens e os objetos, ato de diferenciar, outorgando valor ou desvalor.

A remoção e substituição da representação são operações perpétuas. A palavra e o sinal substituem a sensação e a emoção vividas. A moeda substitui as coisas, as necessidades em e pelo intercâmbio de mercadorias. O ouro se proclama equivalente geral, portanto, substituto eventual de todas as coisas, promovidas ao grau de mercadorias. Para Marx (1999), a representação não parece ser senão uma aparência coisificada, fetichizada.

As representações produzem os sentidos que se sobrepõem às significações das palavras, embora não se limitem a eles. O tempo é representado espacialmente (HEIDEGGER, 1971). Que todo movimento é espaço e tempo. Um tempo, ou seja, um ritmo, não se representa senão medindo-se e se mede por um espaço.

Kant (1988), em seu livro: *Prolegómenos a toda metafísica futura* realiza várias significações que se sobrepõem às palavras de uma ciência que ainda não estava constituída: as ciências sociais. Realiza a crítica da razão prática dilucidada por Hume e continua sua formulação sobre a base de representações de artes e ciências já

conhecidas, como a navegação e a medição da física para propiciar a nossa imaginação sobre o avanço da ciência, onde Hume a havia deixado presa e estagnada. Observa:

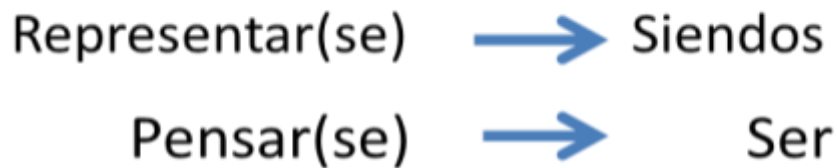
Somente estes prolegómenos inclinam-se a entender que se trata de uma nova ciência, na qual ninguém lhe tinha ocorrido pensar antes, cuja mesma mera ideia era desconhecida, e para a qual nada poderia ser útil, mas a simples indicação de que poderia oferecer a dúvida de Hume, o qual, igualmente, não adivinhou a ciência formal, também é possível, mas que, para pôr em segurança o seu navio, a fez fundar na costa (o cepticismo), onde poderia estacionar e apodrecer, em vez de o que me importa de dar-lhe um piloto que fornecida de seguros princípios da arte do timoneiro, que sejam expulsos do conhecimento do globo, com um mapa completo do mar e um compasso, pode se dirigir certamente o barco para onde bem lhe parecer (KANT, 1988).

As representações são falsas no que apontam e dizem, mas verdadeiras sobre o que suportam, a materialidade suporta a ideologia e o tempo (LUNA, 2016a; LEFEBVRE, 2006; MARX e ENGELS, 2001; SANTOS, 1994). Para que algum objeto se valore ou deprecie-se tem que estar representado. Em consequência, a separação entre a presença sensível e a representação precede o valor. No entanto, uma vez fixado, a valoração modifica a representação. A fórmula pode ser: representação (R) mais presença sensível (PS) igual a representação prima (R') ($R+OS=R'$). O objeto no centro do campo coberto pela representação empírica e pela análise, torna-se precisamente este centro em torno do qual, organiza-se um cortejo de percepções e de representações (MARX, 1999). Além disso, o sujeito que se constitui dessa maneira, determina a sua visão.

Nietzsche (2006) em seu texto "Vontade de poder" indica que qualquer valor tem dois aspectos: envolve uma avaliação e medição, que é um centro de realidades e decisões. O ponto de vista do valor, condições de conservação e de incremento, relativas às formações complexas. O valor, indica LEFEBVRE (2006, p.161), "é o centro das perspectivas de um olhar que tem planos, objetivos ou metas", portanto, conta, tem relações definidas com uma escala de números e medidas.

A teoria das representações se livra dos dilemas e paradoxos. Explica a sua eficiência, pelo simples fato de que as representações não são nem falsas nem verdadeiras, senão ao mesmo tempo falsas ou verdadeiras: verdadeiras como respostas aos problemas "reais" e falsas como dissimuladoras de finalidades "reais". Viver é representar (se), mas também transgredir as representações (LEFEBVRE, 2006, p.161). Ver Figura 1.

Figura 1: Representações



Elaboração própria.

A produção social do espaço

A espacialidade se descobre sobre a base do mundo, posto que o espaço contribui para constituir o mundo, materialidade representada, respondendo à essencial especialidade da quotidiana, devido à sua fundamental estrutura de Ser (HEIDEGGER, 1971).

As regiões são um corpo e não necessariamente porque elas sejam orgânicas ou porque, como disse Batalla (1969, p. 3), “tem um processo de nascimento, crescimento e morte”, ou seja, uma história. É um corpo que tem sido historicamente dividido entre o que é meio ambiente natural e a população que nele se desenvolve, de forma semelhante à totalidade do ser sofre um desdobramento entre o que é corpo e alma. As regiões têm sua corporeidade devidamente exercida no mundo sensível (MCDOWELL, 1996). A região é carne e pedra, por isso tem suas zonas que a tornam material sensível, interligadas por várias relações que definem a sua magnitude (SENNETT, 1997). Algum lugar em específico, como o caso de *Malinche*, um vulcão em Tlaxcala, no México, que para os aldeões representa um homem. Este tipo de análise tem uma certa proximidade com espaços concebidos por Henri Lefebvre (1991).

SENNETT (2007, p. 17) observa que, desde o século XIX, o geógrafo baseado em seus antecessores, concebeu a cidade como “artérias e veias do movimento”, dando origem a novas formas de apropriação do espaço, os indivíduos foram estimulados pelo movimento. Embora deve notar-se a incerteza percebida pelo mesmo autor (2007, p. 17) que aponta a privação sensorial que ocorreu na maioria dos edifícios modernos, “embotamento, monotonia e esterilidade tátil que aflige o ambiente urbano”.

Assim, a produção do espaço, é, na realidade, “as ações e formulações”, ou melhor, as concepções que de forma individual ou coletiva nascem, morrem, sofrem e agem (LEFEBVRE, 1991, p. 33). Ao falar sobre a representação da produção do espaço derivada de relações sociais, “tais relações sociais são parte do processo de produção” que engloba as relações de poder (LEFEBVRE, 1991, p. 33). LEFEBVRE (1991) argumenta que, devido à discussão espacial formulou três pontos que representa as formas espaciais.

Um, as práticas espaciais (espaço percebido) referem-se às forças produtivas e

reprodutivas em um espaço específico e formação social caracterizada pela sua localização. “Desta forma, a reprodução das relações sociais é predominante” (LEFEBVRE, 1991, 50).

Dois, o espaço representado (espaço concebido) está vinculado às relações de produção e reprodução e a ordem que essas relações impõem, portanto, o conhecimento dos sinais, os códigos para as relações face a face. “Tal espaço é escravo do poder e do conhecimento” (LEFEBVRE, 1991, p. 50).

Três, o espaço imaginado (espaço vivido) incorpora os símbolos que algumas vezes estão codificados outras vezes não, “ligado à clandestinidade ou ao lado subterrâneo da vida social” (LEFEBVRE, 1991, p. 40). A diferença mais estreita limitada pelo trabalho, imagens e memórias cujo conteúdo, seja sensorial, sensual ou sexual, “deslocou-se até o momento que conseguiu sua força simbólica” (LEFEBVRE, 1991, p. 50).

A expressão "produção social do espaço" é composta principalmente de dois termos: produção e espaço social. O termo produção é formulado em termos hegelianos como "natureza transforma os seres humanos e os seres humanos transformam a natureza", no entanto, Marx e Engels (2001) criticaram a formulação de Hegel, eles mencionam que só o homem é capaz de produzir; só o trabalho como uma prática social produz, contrário à natureza, ele cria. “A humanidade quem disse que é uma prática social, cria empregos e produz coisas” (LEFEBVRE, 1991, p. 71). A produção no sentido marxista transcende a oposição entre sujeito e objeto. “A racionalidade é imanente à produção”, posto que organiza uma sequência de ações com um determinado objetivo (LEFEBVRE, 1991, p. 71).

No entanto, Lefebvre (1991) assinala que a combinação das duas palavras: produção do espaço não teria um significado filosófico estrito. O espaço dos filósofos poderia ser criado apenas por Deus, isso é verdade desde o Deus de Descartes, Malebranche, Spinoza e Leibniz, como para todos os pós-kantianos: Schelling, Fichte e Hegel, embora mais tarde começou a aparecer como uma mera degradação, implantado como um ser em um contínuo temporal. Essa visão pejorativa não fez a diferença básica, embora rebaixado e desvalorizado, o espaço contínuo esteve dependente do absoluto, até a filosofia bergsoniana.

A cidade ou o campo são um trabalho ou um produto? Definindo o trabalho como único, original e primordial, como ocupando um espaço ainda associado a um determinado momento, um tempo de maturação entre a ascensão e o pôr do sol. Os espaços repetitivos são o resultado de gestos repetitivos associados com os instrumentos duplicados e usados para duplicar. Inclusive, o espaço é produzido mesmo quando a escala não é maior do que uma rodovia, aeroporto ou do que obras públicas (LEFEBVRE, 1991).

Cada trabalho ocupa um espaço, esse o engendra e atualiza. Cada produto

também ocupa espaço e é executado nele. A questão é saber que tipo de relação pode existir entre estes dois modos de ocupação do espaço. O trabalho está num sentido inerente no produto (LEFEBVRE, 1991).

O espaço social é produzido e reproduzido em relação às forças produtivas, a questão é saber como elas se desenvolvem. Contém uma grande variedade de objetos naturais e sociais, incluindo redes e circuitos que facilitam a troca de material, coisas e informação. Esses objetos não são apenas coisas, mas relacionamentos. Como os objetos tem peculiaridades discerníveis de substância e forma, o trabalho social transforma os objetos, reorganizando suas posições dentro de configurações espaciais temporárias sem necessariamente afetar sua materialidade, o seu estado de natureza (LEFEBVRE, 1991).

Lefebvre (1991) mostra as diferenças entre o espaço dominado e espaço apropriado, o espaço dominado é transformado pela tecnologia e prática. O domínio da tecnologia espacial está crescendo, a dominação é profundamente enraizada na história, mas estas origens coincidem com o poder político. A dominação do espaço é, invariavelmente, a conclusão de um projeto mestre e histórico. O espaço dominado está normalmente fechado, estéril, vazio, opondo-se ao conceito de apropriação.

Na teoria marxista do conceito de espaço é claramente oposta à propriedade. A propriedade, no sentido de bem é uma necessária pre-condição, muitas vezes um epifenômeno de apropriar-se. A apropriação se assemelha ao trabalho artístico. A dominação do espaço e a apropriação do espaço podem, em princípio, estar combinados. O espaço representado pela contradição: dominação e apropriação.

A tríade: espaço das práticas, representado, imaginado, interage dialeticamente, enfatizando que a tríade não é uma relação de dualidade. O espaço representado tende a subsumir ao espaço imaginado e das práticas, a relação entre os três momentos nunca é simples ou estável, nem positiva, na medida em que são opostos. Estas três fases estão interligadas em um ato consciente, mas ao mesmo tempo são ignoradas ou distorcidas (LEFEBVRE, 1991).

A história do espaço é produzida pela realidade de suas formas de representação, que não devem ser confundidas com uma cadeia de eventos ou uma sequência de costumes e leis, ideais e ideologias e estruturas socioeconômicas ou instituições. Mas podemos ter certeza de que as forças produtivas e relações de produção têm, naturalmente, um papel na produção do espaço (LEFEBVRE, 1991).

Abordar o espaço a partir da tríade possibilita dimensionar o constante movimento no qual ele se encontra. No entanto, produção como trabalho remove configurações que o definem como um meio para um fim, o movimento puro (SENNETT, 1997, p. 20). O caráter do espaço se torna um escravo dessas possibilidades de movimento, é necessariamente neutro: por exemplo, o motorista de um carro que para sua segurança só pode dirigir com o menor número de distrações,

“dirigir bem requer sinalização convencional, linhas divisórias e esgoto, ruas carentes de falta de vida, além dos outros motoristas” (SENNETT, 1997, p. 20).

Olivier Dollfus, que identifica a superfície da terra como o ambiente habitado, diferenciada e com pontos localizáveis. Nunca uma paisagem é estritamente igual a outra, “as formas são semelhantes, mas não idênticas” (DOLLFUS, 1982, p. 11). A diferença substancial entre o espaço de produção e espaço geográfico é que este último é o que altera a terra e não primariamente o homem que através do trabalho e práticas espaciais, muda suas características. Apesar disso, Dollfus (1982) verifica que a ação humana tende a transformar o ambiente em um ambiente geográfico, moldado pela ação humana no curso da história, no entanto, o espaço imaginado supera radicalmente a formulação acima referida, posto que a produção do espaço se constitui como um projeto daquilo que ainda não é modelado ou representado. Lembrando que Lefebvre (1991) enfatiza a secularização do espaço, mesmo que seja transformado por homens e não pelo Deus dos filósofos.

Embora, haja contradições entre o espaço geográfico e a produção do espaço, a trajetória da racionalização, podemos resgatar algumas formulações de Dollfus (1982) para o conhecimento e organização do espaço. Foi ele quem contribuiu para a sua caracterização com base em critérios funcionais produzidos pela paisagem: fisionomia, ritmos de atividade, densidade humana e diferentes fluxos. Identificando uma configuração fundamental que designa na concepção do espaço rural e espaço urbano.

Diz Santos (1994, p. 43) “a técnica nos ajuda a *historizar*, ou seja, de considerar o espaço como um fenômeno histórico a *geografizar*, ou seja, para produzir uma geografia histórica e da ciência”. Também todas as técnicas, incluindo as da vida, nos dão a estrutura do lugar. Por conseguinte, a técnica tem duas fases distintas, um tempo sincrônico e outro diacrônico, no momento sincrônico se encontra os fluxos e no momento diacrônico se localizam os fixos (SANTOS, 1994). Por exemplo, concebendo a geografia como a ciência da ação e não como a ciência do espaço, podemos constatar que ação é a estrutura e o ato é a conjuntura, isto é, o último é um segmento do primeiro (WERLEN, 1993). O ato está formado por um comportamento orientado em determinadas situações. A intenção é central na vida diária: nos fluxos. A Técnica implementada ao espaço que é uma estrutura de organização cristalizada no tempo diacrônico (VELTZ, 1999).

Os autores citados, Milton Santos e Olivier Dollfus concordam que a região além de ser um zoneamento das relações sociais, está coordenada por uma cidade e existe ao mesmo tempo uma relativa autonomia a respeito a agrupações e instituições territoriais mais próximas, que de alguma forma se aproxima da formulação de Lefebvre em torno da dominação e apropriação do espaço. No entanto, todos os autores, Veltz, Werlen e Santos concordam até certo ponto: são as ações sociais que produzem o espaço, que com o tempo na sua forma diacrônica ou síncrona se

formulam em fixos e fluxos respectivamente, deixando para trás a noção filosófica-teológica do espaço criado.

É preciso considerar que há um nível mínimo que não se trata de atores sociais, da comunidade nem do lar, nos referimos ao indivíduo. No entanto, não é o indivíduo que por suas ações se reforça, mas é o resultado da luta dos atores sociais. Além disso, não é o espaço individual, mas é ele que produz o espaço em seu ser, “principalmente porque é espacial” (HEIDEGGER, 1971, p. 127).

Um elemento-chave da análise do território é a confrontação das relações sociais, delas partem formas cívicas que são concebidos em corpos civis. Os processos de desenvolvimento têm um conflito. Na dicotomia entre o que Freud chamou de princípio da realidade e de princípio do prazer, como dois momentos complementares do indivíduo, deu uma resposta às relações sociais e desejos individuais. Neste momento da representação há sinais que a complexa relação entre corpo e território levaram a indivíduos além do princípio do prazer. Tem sido corpos perturbados, corpos inquietos, corpos agitados; o fato é que os rituais religiosos ligam o corpo à cidade, a instauração de espaços rituais configura uma nova vocação de trabalho vocacional e autodisciplina que deixa uma marca em processos de produção na região.

Enquanto isso, o espaço de produção, o corpo se torna consciente da dor produzida pelas representações é capaz de ser um corpo cívico, sensível à dor de outra pessoa. SENNETT (1997) diz que o corpo só pode seguir este percurso cívico reconhecendo as conquistas da sociedade, enquanto que as possibilidades de desenvolvimento.

Conclusões

A produção do espaço está determinada por diferentes escalas que vão do internacional ao nacional, do nacional ao local e local para a comunidade e para a casa, a ordem hegemônica a escala global, Lefebvre levanta a questão da produção do espaço ao nível da prática espacial ou qualquer forma englobada, sendo o ator que se apropria dele, ele desaparece e se esconde, no entanto, revela-se uma vez que é apreendido e compreendido pelos sujeitos sociais. Exemplo, temos o caso de muitos atores, atualmente, centrados no espaço: os camponeses de Atenco no Estado do México, os zapatistas em Chiapas e da América Latina os Sem Terra no Brasil.

Nas práticas espaciais é a acessibilidade, é a distância são condições essenciais que representam a distância de atrito nas questões sociais. A distância é uma barreira e defesa contra a interação social. Impõe custos de transação para qualquer sistema de produção e reprodução.

As práticas espaciais produzidas pelos atores é uma negociação constante na forma de ocupação do espaço, organizando os seguintes objetos, tais como: casas,

fábricas, infraestruturas, rodoviárias, atividades, uso do solo, e sujeitos sociais.

O domínio do espaço reflete como indivíduo ou grupo poderoso, manter a hegemonia na organização e produção do espaço, legítimo ou meios ilegítimos para exercer maior controle sobre o atrito pela distância ou como o espaço é apropriado para eles ou outros.

O espaço foi considerado um instrumento da dominação. O espaço da prática material do final do século XX conseguiu atravessar a barreira da distância através da compressão do espaço-tempo, que o vincula diretamente com a tecnologia de transporte, a distribuição no contexto da produção econômica também como a percepção de distância entre as pessoas, reduzindo a sua importância como limitando a interação. Assim, o contato pode ser em presença, rosto remoto para enfrentar o contato direto. No entanto, o imperativo é abrir novos mercados e aumentar a velocidade da taxa de retorno sobre o capital. Essa compreensão do mundo permite as empresas multinacionais globalizar o seu mercado, pois durante os séculos XIX e XX foi parte do consumo local e regional.

Na geografia latina tem a relação entre espaço e tempo, mediada pela tecnologia. As transformações territoriais objeto desta análise são o produto das relações sociais encravadas na representação das práticas materiais. O espaço igual encontrado está em processo de formação, evolução, nunca está acabado e fechado em um espaço de recipiente.

Henri Lefebvre é um clássico para a geografia e a filosofia. Continua a fornecer diretrizes para a interpretação da realidade atual, principalmente, através de dois conceitos discutidos neste documento: representação e produção do espaço. O tempo lhe conferiu a razão, pois, através da representação permanece o domínio do espaço, mas também através desta os sujeitos resistem, incorporando a imaginação no poder.

Referências

- BATALLA, B. *Las regiones geográficas en México*. México: Siglo XXI. 1969.
- DOLLFUS, O. *El espacio geográfico*. España: Oikos-tau. 1982.
- HARVEY, D. *La condición de la posmodernidad. Investigación sobre los orígenes del cambio cultural*. Buenos Aires: Amorrortu. 2004.
- HEIDEGGER, M. *El ser y el tiempo*. México: Fondo de Cultura Económica. 1971.
- KANT, I. *Crítica de la razón pura*. México: Fondo de Cultura Económica. Universidad Nacional Autónoma de México. 2009.
- _____. *Prolegómenos a toda metafísica futura*. Lisboa: Edições 70. 1988.
- LEFEBVRE, H. *The production of space*. New York: Blackwell Publishing. 1991.
- _____. *Presencia y ausencia*. México: Fondo de Cultura Económica. 2006.
- LUNA, L. Escalas y determinaciones en la reforma a la propiedad de los energéticos:

- México. *Revista electrónica de estudios latinoamericanos*. 14, 54, pp. 38-55, 2016a.
- _____. Representação da refinaria Bicentenário: Hidalgo, México. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 14(1): 62-78, jan./jun. 2016b.
- MARX, K. *El capital: crítica de la economía política*. México: Fondo de Cultura Económica. 1999.
- MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- MASSEY, D. New Directions in Space. In: GREGORY, J. (Ed.). *Social relations and spatial structure*. London: McMillan, 1985.
- MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D., MARTIN, R. (Org.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.
- NIETZSCHE, F. *La voluntad de poder*. España: Biblioteca EDAF. 2006.
- PECK, J. Economías políticas de escala: políticas rápidas, relaciones interescales y workfare neoliberal. En: Ramiro FERNÁNDEZ y Carlos Brandao (Coord.). *Escalas y políticas del desarrollo regional*. Argentina: Miño y Davila-Universidad de Litoral, 2010.
- SANTOS, M. *Técnica, espacio y tempo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- SENNETT, R. *Cuerpo y piedra. El cuerpo y la ciudad en la civilización occidental*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- SWYNGEDOUW, E. Excluding the other: The contested production of a new 'Gestalt of Scale', and the politics of marginalization. En: Lee, R. y Wills, J. (eds). *Geographies of Economies*. Londres: Edward Arnold, pp. 167-177. 1997.
- SWYNGEDOUW, E. Scaled Geographies: Nature, Place and Politics of Scale. En: Sheppard, E. y McMaster, R (eds.). *Scale & Geographic Inquiry: Nature, Society and Method*. Londres: Blackwell, pp. 129-152. 2003.
- VELTZ, P. *Mundialización, ciudades y territorios*. Barcelona: Ariel, 1999.
- WERLEN, B. *Society, action, and space*. Londres: Routledge, 1993.

Submissão: 06.01.2017 / Aceite: 06.02.2017